



Hernâni Bettencourt*

Candidatos à força!

O PSD, de cá e de lá, tem pautado a sua ação por tiros nos pés que, de tão surreais, conseguem tirar do sério até o eremita que vive no sítio mais recôndito do mundo. O último episódio tem como enredo a escolha, para cargos internos e externos, de candidatos. Há candidatos que são obrigados a recuar. Há um candidato que é obrigado a voltar onde não queria. Há candidatos de cá escolhidos por lá. Há candidatos de lá que foram anunciados para cargos que não decidiram se querem. Há candidatos de cá, escolhidos por lá, que não sabem se podem ser candidatos. Há candidatos a candidatos que não foram falados cá e que já estão a fazer barulho cá e lá. Há candidatos de lá já anunciados e que já se “puseram ao fresco”. Há candidatos de lá contra o Presidente de lá. Há candidatos de lá que são apontados a sucessores do Presidente de lá. Há candidatos de lá contra as estruturas locais. Há candidatos de cá que não se sabe a posição das estruturas de cá. Há candidatos de cá, já anunciados, que ainda não sabem o número de partidos pelo qual serão cabeças de lista. Há, em síntese, uma grande salgadura de tipos de candidatos. A confusão está instalada nas hostes “laranjas”. De cá e de lá. Num caso (lá) por ação pública extemporânea. E noutro (cá) por omissão de reação ao atro-

pelo às competências regionais, a que se deve juntar a intervenção de terceiros no “arranjinho terceirense”. Mas como tudo isto é complexo, decidi esmiuçar a “caldeação” que para aqui vai. Para o efeito, convido o leitor a centrar-se no essencial: a parte do enredo que diz respeito aos Açores. E, para facilitar, dando corpo à terminologia aqui utilizada, optei por dor dividir a análise em 2 atos. Ora veja lá:

I – PSD de lá

O PSD de lá, através do companheiro José Silvano (secretário-geral), numa conferência de imprensa convocada para o efeito, anunciou “uma lista de 101 nomes homologados pela Comissão Nacional como candidatos a presidentes de câmara” nas próximas eleições. Estranhamente, ou talvez não, no rol anunciado incluem-se os municípios da Ribeira Grande, Nordeste e Madalena. Ficamos, portanto, a saber que os atuais autarcas serão (?) recandidatos. E também, à contrário, que o PSD de lá não quer a atual autarca de Ponta Delgada como candidata a continuar no cargo. Ou, no caso de Ponta Delgada, pela sua dimensão e peso, já será assunto para decidir cá? E nos outros 15 municípios, quem decide? Os de cá ou os

de lá? Os dirigentes de cá não vão dizer nada publicamente aos de lá? E aos Açorianos, por quanto tempo mais se farão de “mortos”?

II – PSD de cá

O PSD de cá, tal como previra em artigo de opinião recente e intitulado de «Uma aventura do “rapazinho” Clélio» e em que terminava dizendo que devíamos aguardar pelos novos capítulos, evitou um previsível colapso no executivo. É certo que a apregoada autonomia de cada ilha e a liberdade de cada militante foi chutada para canto, mas a situação era explosiva. O desequilíbrio de forças em contenda era gritante. Urgia evitar um haraquiri público do secretário com maior exposição mediática. Ter alguém fragilizado por um resultado demasiado pesado era um risco tremendo. Por isso, foi necessário arquitetar uma estratégia que salvasse a honra do peso pluma e não insuflasse ainda mais o vencedor antecipado. E nada melhor do que ir buscar um “senador reformado”, mais próximo de um do que do outro, e atribuir 2 cargos dirigentes aos “amigos de sempre”. A história continuará... Mas agora apenas no recato privado dos Conselhos do Governo!

*Jurista



Daniel Bastos

Portuguese Times: 50 anos ao serviço da comunidade luso-americana

Ao longo dos anos a comunidade lusa nos Estados Unidos da América (EUA), cujos dados dos últimos censos americanos apontam que é atualmente constituída por mais de um milhão de portugueses e luso-americanos, principalmente concentrados na Califórnia, Massachusetts, Rhode Island e Nova Jérsei, tem sido palco de uma notável multiplicidade de meios de comunicação social, em particular, ligados à imprensa escrita.

Como destaca o jornalista Vamberto Freitas em *Algumas considerações sobre a imprensa portuguesa nos EUA*, entre “quase todos aqueles que nestes últimos anos se têm interessado pelos centros lusos radicados nos Estados Unidos da América, uma das facetas da vida comunitária que geralmente mais os impressiona parece ser a existência, sempre precária mas persistente, da Imprensa falada e escrita em língua portuguesa”.

As raízes da imprensa de língua portuguesa no território norte-americano remontam mesmo à segunda metade do séc. XIX, isto é, ao período inicial da emigração lusa para os EUA, quando muitos portugueses participaram na corrida ao ouro e na fundação de colónias agrícolas na Califórnia, ou se começaram a ligar aos negócios ligados à pesca da baleia.

Este contexto sócio-histórico singular mereceu,

inclusivamente, em 29 de novembro de 2013 amplo destaque no jornal *The Herald News* (Fall River), através de uma reportagem assinada por Kevin Andrade sobre a imprensa luso-americana. Segundo o jornalista de investigação luso-americano, existiram cerca de mil jornais nos Estados Unidos publicados em língua portuguesa, que constituem indubitavelmente um enorme e importante manancial para o conhecimento e estudo da história da comunidade portuguesa na América.

No profícuo campo dos jornais luso-americanos, um dos órgãos de informação que mais se tem destacado pelo seu dinamismo e longevidade tem sido o *Portuguese Times*. Um semanário de língua portuguesa fundado em Newark, New Jersey, em 1971 por Augusto Saraiva, que veio a ser adquirido em 1973 por António Alberto Costa, e que no início de 1974 assentou praça em New Bedford.

Com circulação nacional e assinantes em quase todos os estados americanos, o *Portuguese Times*, que tem presentemente como administrador Eduardo Sousa Lima e diretor Francisco Resendes, assinalou no decurso do mês de fevereiro o seu cinquentenário de publicação ininterrupta.

Ao longo do último meio século, o semanário luso-americano tem-se assumido como um jornal de

referência da comunidade portuguesa nos EUA, em particular na Nova Inglaterra, uma região no nordeste dos Estados Unidos que abrange os estados de Maine, Vermont, Nova Hampshire, Massachusetts, Connecticut e Rhode Island.

Capaz de ultrapassar os contratempos e as adversidades, e na maior parte dos casos sobrevivendo graças ao espírito de caridade dos seus proprietários, diretores, colaboradores, leitores e empresários mecenas, com mais ou menos dificuldades expostas pelas crises económicas, o *Portuguese Times* ao longo dos últimos cinquenta anos tem conseguido resistir e renovar-se. Dando um exemplo genuíno de altruísmo e serviço em prol da comunidade portuguesa no território norte-americano, ajudando a promover a cidadania, a valorizar a cultura, as tradições e o dinâmico movimento associativo luso.

Descendente de uma prolecta estirpe de jornais publicados em língua portuguesa no território norte-americano, o jornal *Portuguese Times*, orgulhoso do seu passado, projeta-se no presente e no futuro como um órgão de informação comunitário que constrói pontes entre Portugal e os Estados Unidos da América, dilui a saudade e a distância, fortalece a identidade cultural lusa e difunde Portugal na maior potência mundial.